

**Museu - espaço multidisciplinar -
território das identidades**

**Museum - multidiscipline place -
identity territory**

RAUL LODY

Antropólogo e Museólogo

RESUMO ABSTRACT

O Museu é o espaço que preserva e comunica de maneira tecnicamente intencional histórias, fatos, formas de viver; tendências estéticas, descobertas científicas; informando, alertando, estimulando sentimentos e emoções perante variados testemunhos ou lugares, ocupando espaços convencionais ou a céu aberto tratados em contextos especiais com organização museográfica/museológica. Museus não podem apenas catalisar os conteúdos e seus testemunhos, mas devem intervir na comunidade, na busca de soluções e/ou trabalhos educativos que as apoiem. Este papel desempenhado no âmbito das comunidades revelará que a Instituição não é apenas depósito ou vitrines etiquetadas. O Museu deverá estar aberto às experiências, às constantes mudanças, aos usos de novas linguagens e, principalmente, incorporando em definitivo os compromissos com a pluralidade cultural.

A museum is the place where we preserve and communicate in an intentional technical manner, histories, lifestyles, aesthetic tendencies, scientific discoveries; informing and warning, stimulating feelings and emotions when faced with various testimonies or localities, occupying conventional places or under the sheltering skies treated in special contexts following a museographic / museological organization. Museums must not only be the catalyst of testimonies and contents, they must also intervene in the community in search of solutions or educational works that will support them. When this work is done in the communities, it will show that the institution is not a deposit or labelled windows. Museums must be open to new experiences, to the constant changes, to the use of new languages and most of all, it must, once and for all, incorporate the engagement with cultural plurality.

PALAVRA-CHAVE

Museu
Espaço multidisciplinar
Patrimônio cultural
Identidade

KEY WORDS

*Museum
Multidisciplinary environment
Cultural heritage
Identity*

A primeira e fundamental pergunta está no olhar e na ideologia do Museu perante os **testemunhos** materiais e imateriais do homem.

Os diferentes processos históricos, econômicos, sociais, tecnológicos, éticos e morais falam e relacionam-se com a instituição **Museu**, ampliando-se, dessa maneira, concepções e modos de entender quem é esse espaço tradicionalmente consagrador, legitimador e que cada vez mais transgride e atinge os espaços da natureza e da cultura em experiências de ecomuseus e museus a céu aberto.

Como então revelar de maneira compatível aos clientes do Museu a sua própria história, quando eles assumem os papéis de protagonistas e de espectadores das suas produções – explicitadores das identidades, das posturas sociais, situando quem são enquanto indivíduos, no cumprimento e no estabelecimento dos papéis sociais.

Mostra-se a carga simbólica dos testemunhos no que há de criação, recriação, adaptação, sem esquecer a própria dinâmica da cultura, proporcionando plurais possibilidades de tratar conteúdos convencionalmente trabalhados em exposições.

Ao se pensar que o homem é fundamentalmente um animal conceitualizador e simbolizador, deve-se compreender, sem hierarquizar, que a memória do seu patrimônio pertence frontalmente a ele e ao seu grupo – produtor e consumidor – ampliando, diante desse exemplo, uma concepção de Museu não exclusivamente catalisadora dos conteúdos e seus testemunhos, mas intervindo na comunidade na busca de soluções, diria trabalhos, que educassem e apoiassem comunidades – porém, sem um envolvimento tutelar – é uma tentativa de emprego dos conceitos operacionais nas áreas de **patrimônio, bem cultural, preservação** e também de **comunicação**. Ressalta-se aí o papel educativo do Museu, papel que, desempenhado no âmbito das comunidades, revelará que a Instituição não é depósito ou apenas **vitrides etiquetadas**.

Certamente, hoje, busca-se no Museu um centro de memória ativa e que relacione maneiras interativas ao visitante em contato com a sua história ou com patrimônios que possam cada vez mais integrá-lo no conceito mais pleno de humanidade.

Assim, está no Museu, de maneira concreta, parcela significativa das identidades, dos símbolos de grupos, comunidades, sociedades, regiões, povos e civilizações.

O **Museu** é o espaço que preserva e comunica de maneira tecnicamente intencional histórias, fatos, formas de viver; tendências estéticas, descobertas científicas; informando, alertando, estimulando sentimentos e emoções perante variados testemunhos ou lugares, ocupando espaços convencionais ou a céu aberto, tratados em contextos especiais, com organização museográfica/museológica.

O Museu assume então seu destino histórico memorial, tratando patrimônios culturais e suas profundas relações com a ecologia, voltando-se aos valores dos indivíduos e seus direitos culturais e de cidadania.

O Museu é um lugar onde o indivíduo, certamente, celebra a sua singularidade e sua relação com a humanidade.

Aí as diferenças, a auteridade e, certamente, a identidade têm seus valores e significados mostrados nos objetos, nos símbolos dos grupos, comunidades, povos.

“Nosso projeto é de um museu enciclopédico que reúne mostras de todo o conhecimento humano” (Hermann von Lhering, 1885)¹.

Os contextos históricos, sem dúvida, inscrevem o Museu no seu tempo, acompanhando olhares, conceitos e mundovisões.

Além do desejo de reunir os testemunhos do homem, em visão quase monumentalista, os museus ganham também um sentido comemorativo, acentuando-se os troféus e os espólios do colonialismo europeu na África, nas Américas, no Caribe, na Ásia e de outras partes do mundo.

O **Louvre** (1773) e o **Museu do Prado** (1783) inauguram uma era de museus públicos e nacionais, pois os ancestrais do que se chama, no Ocidente, por **Museu** chegam dos **gabinetes de curiosidades**, reunindo diferentes tipos de objetos, de documentos, que vão ganhando significados no próprio trajeto histórico e científico.

A partir do século XIX são criados museus etnográficos, enquanto instituições dedicadas à coleção, preservação, mostra, estudo

e interpretação dos objetos. São as coleções agora abertas ao olhar público, editando os conteúdos e comunicando com os recursos das exposições, informando e formando gerações.

O British Museum (1753) segue uma forte tendência do renascimento comemorativo, fortalecendo-se mais tarde no campo antropológico.

Os acervos etnográficos/etnológicos ampliam-se e, no Brasil, em 6 de julho de 1808, o Museu Nacional foi criado mediante decreto de D. João VI, cujos principais objetivos eram o de “estimular os estudos da botânica e da zoologia no local”. Assim, o Museu Nacional ou o Museu Real assumiu seu caráter de museu científico nacional.

Cada século tem a sua missão a cumprir como cada indivíduo o seu papel a representar no teatro da vida ou na comunhão social, a do século atual é universalizar a ciência e confraternizar os povos (J. Batista, 1876)².

Certamente, coleções e especialmente os objetos fazem os museus e, assim, a importância dos testemunhos materiais enquanto meios de evocar e de trazer memórias e de estabelecer relações contemporâneas conforme olhares e formas de tratar e de interpretar materiais, tecnologias, formas e usos.

Está no objeto um sentido histórico do próprio Museu, dialogando com outros objetos; coleções de objetos na busca da compreensão atualizada em benefício do homem.

Cada objeto responde a um sentido de testemunho, lembrança, nostalgia, entre outros. Está no objeto uma tentativa permanente de recuperar sobrevivência tradicional e simbólica.

Na realidade, não são eles – objetos singulares, barrocos, folclóricos, exóticos, antigos –, um acidente do sistema: a funcionalidade dos objetos modernos torna-se historicidade do objeto antigo (ou marginalidade do objeto barroco ou o exotismo do objeto primitivo) sem todavia deixar de exercer uma função sistemática de símbolo (Baudrillard, 1989)³.

O Museu trata o objeto com pruridos de temporalidade, na tentativa de aproximá-lo de um contexto ou do próprio público. O

público vê o santo barroco, não reza diante do santo barroco, contudo, a lembrança do santo barroco abastece o lado **fetichista** de ver não apenas o santo, mas principalmente o século XVIII, um pouco da história retida, ali simbolizada, o sonho do antigo, o mais próximo do ancestral.

Os objetos fora do sistema industrial têm motivações fortes por manter valores apreciados como: de estilo, artesanal, rústico, folclórico, antigo, autêntico.

O objeto contemporâneo, industrial, face ao objeto artesanal antigo, é fenômeno que arrasta os subdesenvolvidos para os produtos e os signos técnicos das sociedades desenvolvidas. Também as sociedades do mundo ocidental, do 1º Mundo, tecnicistas vêem nos objetos artesanais, únicos, rústicos, uma retomada com a humanidade e uma oportunidade em trazer lembranças ancestrais da virtude original do próprio objeto. É o mundo anterior, o passado, é a lembrança, o objeto que encarna o mitológico do antigo.

O objeto funcional é eficaz, o mitológico perfeito (Baudrillard, 1989)⁴.

O culto ao objeto antigo é um culto à origem, ao mito da origem do próprio homem.

Além da origem, um sonho perseguido pela instituição Museu é o da autenticidade. A obsessão pela autenticidade remonta à origem da mãe, da natureza, da divindade, dos mitos criadores, dos mitos geradores, dos mitos da fertilidade. Assim, conforme mais antigos, os objetos são idealmente mais impregnados pelos usuários, pela comunidade, mais repletos de tradicionalidade, de proximidade à origem étnica, de origem remota do próprio homem.

Por exemplo, assume valor de antigüidade a obra geradora de Vitalino – Alto do Moura, Caruaru –, esculturas em barro transformadas pelo fogo, algumas policromadas, garantindo no conjunto de artistas descendentes uma continuidade ao estilo figurativo patrilinearmente por ele inaugurado em técnica e em temática.

O objeto de Vitalino transcende o objeto funcional ou decorativo. Tem virtude ancestral.

Querer museus com panelas de barro, facas de ponta, cachimbo de matutos, sandálias de sertanejos, miniaturas de almanjarras, figuras de cerâmica, bonecas de pano, carros-de-boi, e não apenas com relíquias de heróis de guerras e mártires de revoluções gloriosas (Freyre, 1976)⁵.

É uma retomada do conceito dos objetos inicialmente não incluídos na sacralidade museológica clássica, por questões sociologicamente identificáveis, mas, porém, autores de virtude e força telúrica remetem às origens em objetos míticos, funcionais e conviventes dos cotidianos de milhares de pessoas.

Outro ponto significativo circunscrito ao discurso do objeto é o da relíquia: “A relíquia significa, assim, a possibilidade de encerrar a pessoa de Deus” (Baudrillard, 1989).

Não importa o sentimento estético. O ex-voto, por exemplo, uma cabeça entalhada em madeira significa uma cabeça, contudo, o objeto é a atestação do milagre e não apenas uma realização de escultura popular e tradicional.

Outro tema de importância para o Museu é a coleção, objetos colecionados por afinidades, por origem, por autores, por tendências estéticas, entre outras: “O gosto pela coleção é uma espécie de jogo passional” (Rheims, 1964).

Transfere-se o jogo individual para o jogo institucional do Museu, como qualquer outro colecionador que busca o objeto complementar da série.

Ainda no conceito de coleção transita a escolha, o reconhecimento, a posse, a guarda do objeto único. Está também, na coleção, certa nostalgia – objetos anteriores –, aqueles objetos que não se incluem na coleção, mas que farão o sentido da série.

O ideal da sobrevivência e da continuidade do homem no objeto é a causa e o efeito da concepção intemporal dada ao próprio objeto. É a eternização simbólica que faz um dos motivos da coleção que se perpetua e continua sempre em busca do objeto complementar.

Está no objeto um símbolo que valorativamente assegura a continuidade da vida. Contudo, diferenças marcantes acontecem entre a

coleção e a acumulação. Creio que a maioria dos museus encontra-se enquadrada no caso acumulação.

Para a compreensão do objeto, o tripé técnica, forma e símbolo é o caminho do etnógrafo e deverá ser seguido também pelo museólogo.

A técnica é individual ou compartilhada por outros conhecedores do trabalho. Aí se distinguem organização social, etária, sexual, hierárquica do trabalho. Também o saber e a autoria combinam-se com temas e processos ancestrais e originários na própria etnia, nos traços culturais, nas tendências, na consagração de Escolas, na inovação, no retorno revivalista de determinado objeto: material, forma, cor, textura, elementos decorativos entre outros. Volta-se ao uso, retoma-se o sentido ancestral e mitológico do objeto, geração de relações com identidade, com história, com sentimentos nativistas, telúrico, político e religioso.

Ressalta-se mais uma vez a importância do processo ou de diferentes informações que trazem o caminho do fazer, temporalidade e ritualidade do ato da criação, valor da ação criadora do homem.

O processo e o valor tecnológico, daí até mesmo o título tecnologia patrimonial, encarnam os indivíduos, o momento, o local, o homem e suas ferramentas e ainda suas possibilidades materiais no fazer e no depor no seu fazer aquela virtude inerente ao objeto, transcendente da história, da função ou do uso social.

A primeira vista não implica primordialmente um estudo da técnica mas apenas a recolha de objetos e, se possível, de objetos escolhidos nas diferentes fases do seu fabrico. Estes últimos, quando acompanhados de uma documentação suficiente, são testemunhos infinitamente preciosos que permitirão, em larga medida, reconstituir técnicas propriamente ditas (Gourhan, 1984)⁶.

O objeto sacralizado no Museu e pelo Museu tenta auferir-se em suficiência e em capacitação oferecidas pelo próprio Museu.

O objeto é a finalidade do Museu? Amplia-se a leitura ao processo construtivo e também amplia-se a relação dialética entre a instituição Museu e o tema-cerne da instituição, o objeto, visão convencional e vigente.

O objeto, o autor, a região, um estilo, uma tendência ganham, na maioria das vezes, significados especiais quando ampliam-se leituras e formas de conhecer e, principalmente, integrar diferentes testemunhos à vida, ao cotidiano, aos muitos momentos ritualizados das sociedades.

Novamente vê-se o Museu enquanto um espaço privilegiado na causa do anti-preconceito e da anti-xenofobia, no cumprimento assim de um destino histórico.

A compreensão patrimonial é ampla, contextual e antropológica. São patrimônios de grupos, de lugares e de pessoas, representando o outro, o diferente, o que é próprio e singular.

Não se celebra apenas o **patrimônio de pedra e cal**, busca-se uma compreensão mais ampla e sensível sobre o que é patrimônio cultural, diria melhor: patrimônios culturais.

No caso do Brasil, a nossa formação pluriétnica aponta para peculiaridades, identidades, representações próprias. Isso é **Patrimônio**. Isso é **Patrimônio Cultural**.

Retomando algumas das reflexões de Mário de Andrade e de outros pioneiros, cumpre ampliar esse olhar, permitindo o reconhecimento pela nação brasileira de sua própria complexidade. É um processo de pesquisa e debate que deverá envolver necessariamente diferentes atores. Nesta conjuntura histórica em que se fala com insistência na importância da sociedade civil, há que saber reconhecê-la em sua heterogeneidade e densidade.

Há, contudo, uma tradição em privilegiar as representações tangíveis da cultura. Assim, objetos, construções, símbolos materializados inundam os repertórios dos indivíduos e grupos.

Em um mundo cada vez mais globalizado, interativo, **on-line**, os valores pessoais e individuais ganham destaques e persegue-se, ao mesmo tempo, um verdadeiro ideal de **singularidade**. Pode-se, inicialmente, unir os conceitos de **singular**, **peculiar**, **próprio**, com o de **identidade**, **identidades**. Planos de expressão do homem, do seu grupo, da sua coletividade.

[...] a identidade é evidentemente um elemento chave da realidade subjetiva, e tal como toda realidade subjetiva, acha-se em relação dialética com a sociedade. A identidade é formada por

processos sociais. Uma vez cristalizada, é mantida, modificada ou mesmo remodelada pelas relações sociais. Os processos implicados na formação e conservação da identidade são determinados pela estrutura social. Inversamente, as identidades produzidas pela interação do organismo, da consciência individual e da estrutura social reagem sobre a estrutura social dada, mantendo-a, modificando-a ou mesmo remodelando-a. As sociedades têm histórias no curso das quais emergem particulares identidades (Berger & Luckmann, 1978)⁷.

O capital simbólico refere-se às relações sociais, ampliando conceitos que chegam do etnocentrismo, passando por mundovisões, ou mesmo tocando em maneiras contextuais de expressão, comunicação e de conhecimento das coisas pelo olhar holístico, talvez uma reatualização do olhar gestáltico, ou mesmo uma busca pelo contextual.

As relações entre nós e os outros, em um plano mais global, são marcadas pela tensão entre a **universalidade dos direitos** e o **pluralismo cultural**, de gênero ou de classe, que gera diversidade.

Não há outros caminhos para o universal, além do que passa pelo particular e somente aquele que domina uma cultura específica tem oportunidade de ser entendido pelo mundo inteiro [...]. Uma coisa é certa: o domínio de uma cultura, pelo menos, é indispensável para o florescimento de todo indivíduo: a aculturação é possível e, com frequência, benéfica; mas a desculturação é uma ameaça (Todorov, 1991)⁸.

Pertencer a uma comunidade implica estar ligado a outros sentimentos, afetos, identidades compartilhadas:

Da mesma maneira que não se deve envergonhar-se de amar mais os nossos que os outros, sem que isso leve a praticar a injustiça, tampouco deve-se sentir vergonha de ter apego a uma língua, a uma paisagem, a um costume: é nisso que se é humano (Todorov, 1991).

No cenário social em que transitam diferentes planos de **identidade**, vê-se o **individual**, o **coletivo**, o **pancoletivo** em permanentes diálogos.

[...] as identidades são representações inevitavelmente marcadas pelo confronto com o outro: por se ter de estar em contato, por ser obrigado a se opor, a dominar ou ser dominado, a tornar-se mais ou menos livre, a poder ou não constituir por conta pró-

pria o seu mundo de símbolos e, no seu interior, aqueles que qualificam e identificam a pessoa, o grupo, a minoria, a raça, o povo. Identidades são, mais do que isto, não apenas o produto inevitável da oposição por contraste, mas o reconhecimento social da diferença (Brandão, 1986)⁹.

Assim, o homem se auto-representa, representa e interpreta o outro. Estabelece códigos e, no acúmulo de bens materiais, bens simbólicos.

Dessa maneira, compreende-se **Patrimônio cultural**. Patrimônio não hierarquizado. Patrimônio antropológicamente compreendido nos planos da história, das sociedades, da economia, da ecologia, nas produções permanentes e adaptativas dos acervos das culturas.

Ao preservar seu patrimônio histórico-cultural, a sociedade visa ao seu crescimento:

A vida digna expressa-se num crescimento integral e solidário, onde o desenvolvimento humano se compromete consigo mesmo. A vida social – apresenta-se como uma co-implicação dos processos econômicos, cultural, social e político, condicionando o próprio desenvolvimento e transformação (Ferreira, 1981)¹⁰.

Tais valores estão desvinculados do conceito de vulto, monumentalidade ou de excepcionalidade. O comprometimento é existencial e simbólico. O Patrimônio Cultural assume uma fala integradora e de incursão direta à vida. Assim, o monumento não se pode desligar da paisagem, urbana ou natural, que o rodeia; a arquitetura não é independente da pintura ou escultura. Existem paisagens, lugares, sítios e monumentos cuja conservação não pode levar-se a cabo, independentemente de um conteúdo espiritual, imaterial, próprio ou de um contexto firmemente ligado aos mesmos. Uma paisagem pode materializar a lembrança de um acontecimento, o bairro antigo de uma cidade, para conservar todo o seu interesse cultural, não pode entender-se isolado de certas características ambientais e vivenciais que constituem a própria sobrevivência da consciência coletiva das comunidades que o constituíram e que, ao mesmo tempo, representam-se.

A representatividade de Patrimônio Cultural nasce da consciência da coletividade. Há edifícios que contam o passado ao presente. Há

histórias orais que regulam códigos de ética e de moral. Há tecnologias que circulam nas cozinhas, nas casas, nas oficinas e entre tantos outros locais. Há um permanente desejo de **fruição** e de falas entre tão diferentes linguagens sensíveis, todas patrimoniais.

Contar o passado ao presente é informar como as obras foram produzidas, individualizadas, e como foram integradas a um organismo em contínuo processo de mudança. A forma com que a sociedade foi se apropriando do espaço, o conhecimento das mutações da trama espacial levam ao conhecimento da própria história da cidade, de um grupo, de um segmento étnico, por exemplo.

Entender o patrimônio cultural, na sua complexidade, é ampliar sua leitura de maneira que não incorra nos riscos das **importâncias**, sendo tarefa que o Estado está assumindo progressivamente e, aí, nesse campo, o Museu, enquanto um dos instrumentos dessa política, também amplia sua postura, ou diria, refaz sua postura diante dos testemunhos das comunidades, enfatizando as relações, produtores e produções no âmbito da cultura. É, sem dúvida, a busca de uma visão antropológica de patrimônio cultural, rompendo em definitivo com os padrões estéticos ou de uma historiografia heróica, que tanto conduziam, e ainda em alguns casos conduzem, as organizações de acervos, atuando nos trabalhos museológicos e museográficos.

Atenta-se, novamente, para o papel educativo do Museu, com a tradição didática que possui, desencadeando atividades que cada vez mais se preocuparão com as comunidades e seus testemunhos. É a importante missão de tratar a memória, de preservá-la, de entender o bem cultural sem a marca de imobilidade. Com os meios de que dispõe, o Museu situará, em mostras de conscientização, exposições volantes, entre outros, incontáveis recursos, em técnica e em ação cidadã.

Na constante busca de soluções que apoiem os novos rumos dos Museus atentos e relacionados com as comunidades, sente-se que os quadros técnicos são também ampliados, recebendo adesões de especialistas de outras áreas, além do corpo estável de museólogos, para juntos atenderem às necessidades específicas dos programas. Dessa forma, no caso dos Museus voltados aos acervos de tratamento

etnográfico e etnológico, é mais aguçada ainda essa busca de uma interdisciplinaridade.

As funções plurais do Museu, na ocupação devida do seu espaço, levam a aceitar a missão de revelar o homem e sua cultura, quando sempre o Museu deverá estar aberto às experiências, às constantes mudanças, aos usos de novas linguagens e, principalmente, incorporando em definitivo os compromissos com pluralidade cultural.

NOTAS:

¹ SCHWARCZ, Lília Moritz. *O espetáculo das raças*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1995.

² Idem.

³ BAUDRILLARD, Jean. *O sistema dos objetos*. São Paulo: Perspectiva, 1989.

⁴ Idem.

⁵ FREYRE, Gilberto. *Manifesto regionalista de 1926*. Rio de Janeiro: MEC, Serviço de Documentação, 1955.

⁶ FONSECA, Maria Cecília Londres. *O patrimônio em processo*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1997.

⁷ FONSECA, Maria Cecília Londres. Op. cit.

⁸ FONSECA, Maria Cecília Londres. Op. cit.

⁹ BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Identidade e etnia*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

¹⁰ FERREIRA, José Maria Cabral. *Artesanato, cultura e desenvolvimento regional: um estudo de campo e três ensaios breves*. Porto: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1983.